

**O PAPEL DE L1 NA AQUISIÇÃO DE L2: UM ESTUDO
DE CASO NA COMUNIDADE YUBA ¹**

SEBASTIÃO CARLOS LEITE GONÇALVES
(IBILCE/UNESP)

ABSTRACT In this paper, I present an analysis of data on initial acquisition of Portuguese as second language by six children living in a Japanese-Brazilian community in Brazil. These children speak only Japanese as their mother tongue, until school age. In this study, the principles and parameters model of generative grammar theory (Chomsky 1981, 1988) has been used together with studies on language transfer (Odlin 1989). I have chosen to investigate a syntactic phenomenon which distinguishes the Japanese and the Portuguese languages: the parameter of linearity (that is, word order). According to this parameter, in Japanese the phrase head is in final position and in Portuguese it is in initial position. I show that, in this initial stage of second language acquisition, children transfer the head-last parameter of Japanese to Portuguese, when they are producing noun phrases (NP → N + complement) and verbal phrases (VP → V + complement). The evidence presented contradicts other studies which deny the existence of language transfer at all (Dulay e Burt 1974; Dulay, Burt e Krashen 1982), and those who deny it mainly at the syntactic level (Felix 1978; Paradis and Genesee 1996).

1. INTRODUÇÃO

Estudos sobre aquisição de L2 têm servido para enriquecer a discussão sobre estratégias de aquisição referentes a situações de bilingüismo e ainda têm fornecido um rico material de análise para auxiliar no entendimento da aquisição da linguagem de um modo geral, uma vez que muitas questões ainda permanecem em aberto dentro da área, principalmente no que se refere ao desenvolvimento, processamento e produção da linguagem. Investigar como parâmetros de uma língua previamente adquirida (L1) interferem na aquisição de uma segunda língua (L2) tem contribuído sobremaneira para o entendimento do que constitui o estado inicial de aquisição, tanto de L1 como de L2.

¹ Grande parte deste trabalho está contida em minha dissertação de mestrado defendida no IEL/Unicamp, em fevereiro/97, sob a orientação da Profa. Dra. M.C. Perroni, a quem agradeço pela leitura crítica deste artigo. Os enganos são meus.

Neste trabalho, tomando como instrumental de análise o modelo de princípios e parâmetros da gramática gerativa (Chomsky 1981), investigo a aplicação do parâmetro da linearidade na ordenação dos constituintes núcleo-complemento de sintagmas nominais (NP) e verbais (VP) produzidos por crianças, em fase inicial de aquisição do Português como L2 (PL2) e cuja língua materna é o Japonês. Por ser o Japonês uma língua cuja estrutura sintática difere da do Português, os dados de L2 dessas crianças apresentam uma variação, ora refletindo a sintaxe do Japonês, ora a do Português, o que revela a *transferência* sintática (cf. Odlin 1989) como uma estratégia operante nesta fase da aquisição de L2. Isso ocorre em função de a criança já ter internalizado a gramática de sua L1 na fase em que começa a adquirir L2 (por volta dos 6 anos), tratando-se portanto de uma situação de bilingüismo sucessivo.

A despeito de alguns trabalhos sobre a aquisição de L2 que negam a *transferência* de aspectos de L1 no processo de aquisição de L2 (Dulay *et al.* 1982), principalmente no nível sintático (Paradis e Genesee 1996), destaco que, entre outros, o objetivo primeiro deste trabalho é o de mostrar que, na tarefa de aquisição de L2, L1 desempenha um importante papel, à medida que a criança vale-se do parâmetro da língua previamente adquirida para ir reestruturando a gramática da língua alvo, de modo que vai, gradativamente, eliminando as diferenças entre o Português que ouve e aquele que ela produz. Assim, a *transferência* tem seu lugar apropriado na aquisição de L2, principalmente quando L1 e L2 são tipologicamente diferentes, como é o caso das línguas envolvidas neste estudo.

Os dados que compõem o *corpus* analisado foram obtidos por meio de gravações, em audio-tape (14h05min.), da fala de seis crianças nipo-brasileiras², com idades variando entre 6;07 e 8;03 anos. Todas essas crianças são filhas de nipo-brasileiros e constituem hoje terceira ou quarta geração de imigrantes japoneses. Até a idade escolar, estas crianças falam unicamente o japonês como língua materna. Os dados do Português em análise, portanto, constituem uma modalidade lingüística étnica e culturalmente marcada, em decorrência da situação inter-étnica entre brasileiros e japoneses (e seus descendentes) residentes em uma colônia rural conhecida como *Granja Yuba*, situada no município de Mirandópolis (SP) desde o início da segunda década deste século.

Cabe ressaltar que, embora a coleta dos dados tenha se dado em ambiente escolar, não se trata de uma situação de aprendizado de L2 (instrução formal do Português brasileiro), pois o processo de aquisição que ali se instaura se dá no contexto de alfabetização³ e às crianças, apesar de monolíngües do Japonês, não é dado nenhum tratamento diferenciado das demais crianças. Assim, pode-se considerar a aquisição de L2 como um processo relativamente natural.

O trabalho que aqui apresento desenvolve-se em três etapas principais: na primeira parte, exponho brevemente os subsídios teóricos; na segunda parte, descrevo e analiso dados da produção lingüística das crianças yuba; reservo a última parte às conclusões.

² As crianças são aqui identificadas por C(ássio), A(polini), M(eali), O(lívia), K(laus) e L(intaro). Em alguns momentos refiro-me a elas como *crianças yuba*.

³ Durante o trabalho de campo, foi possível observar que, na alfabetização, a preocupação primeira é com o ensino da língua escrita e não com a língua falada, a qual é assumida, pelo alfabetizador, como já dominada.

1. SUBSÍDIOS TEÓRICOS

1.1. O modelo de princípios e parâmetros e a aquisição de L1

Apoiada na sintaxe, as investigações acerca da aquisição e do desenvolvimento da linguagem, dentro da perspectiva inatista, encontram-se solidamente amparadas no **modelo de princípios e parâmetros**, que ressalta a importância dos universais da linguagem: a despeito das muitas diferenças superficiais, as línguas naturais têm em comum muitas características importantes, em níveis mais profundos. É na base do conhecimento dos universais lingüísticos que o inatismo sustenta o que considera como inato: “*a Gramática Universal, entendida como a soma dos princípios lingüísticos geneticamente determinados, específicos à espécie humana e uniformes através da espécie*” (Raposo 1992: 46).

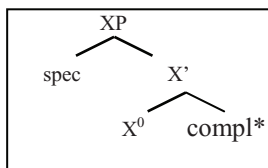
No modelo de princípios e parâmetros (Chomsky 1981), existe uma tendência à eliminação de regras, ficando o modelo composto essencialmente por princípios extremamente gerais, que supõem reger todas as línguas do mundo. Neste sentido, a Gramática Universal é constituída por dois tipos de propriedades: uma de caráter universal, que a gramática de qualquer língua tem incorporada, propriamente chamada de **princípio** (p.ex., em todas as línguas, o núcleo de um sintagma projeta-se dentro de sua respectiva categoria máxima - princípio da endocentricidade); e outra, de caráter mais aberto, chamada de **parâmetro** (p. ex., numa projeção, a ordem linear do núcleo e do complemento de um sintagma varia de uma língua para outra – parâmetro da linearidade), que nada mais é do que uma propriedade de uma língua particular, a qual deve ser aprendida. O parâmetro pode ter um ou outro valor, que será determinado pela experiência lingüística da criança e, uma vez que o valor é aprendido, a variedade dos fatos segue os princípios gerais da linguagem (Chomsky 1988).

Conforme dispõe a teoria inatista, no processo de aquisição da linguagem, se for adotado um modelo em que os parâmetros são inicialmente neutros, em relação ao seu valor no estado final da língua, há de se considerar que a informação negativa seja relevante na aquisição do sistema lingüístico final. Para a manutenção da versão forte da não pertinência da informação negativa no processo de aquisição da linguagem, a adoção que se mostra mais consistente é a do modelo em que os parâmetros possuem um valor inicial não-marcado, alterado apenas se houver evidências positivas contrárias nos dados primários a que a criança tem acesso (cf. Raposo 1992:55-59). Vale dizer que a questão do que constitui o estado inicial de aquisição é ainda uma questão aberta dentro dos estudos da aquisição da linguagem⁴.

Em (1) abaixo, tem-se o esquema X-barra (Chomsky 1981), um modelo universal de representação da estrutura de categorias sintagmáticas.

⁴ Sobre o estado inicial de aquisição de L2, ver Schwartz e Eubank (1996).

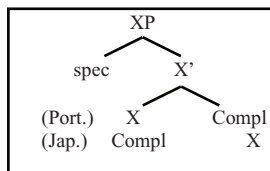
(1) *esquema geral de projeção de categorias sintagmáticas, segundo o modelo X-barra*⁵



A assunção central dos trabalhos recentes do modelo X-barra é a de que todas as categorias de palavras são projetáveis de modo precisamente simétrico dentro de sua respectiva categoria máxima (XP) – princípio da endocentricidade. Segue disto que todas as categorias lexicais (verbal, nominal, preposicional, adjetival) de uma língua são projetáveis da mesma forma dentro de X' ou XP.

A facilidade que a criança, adquirindo qualquer L1, tem em “fixar” a ordem linear dos constituintes sintagmáticos de sua língua, segundo o modelo de princípios e parâmetros, deve-se em grande parte à consistente simetria com que as categorias lexicais são projetadas dentro de categorias sintagmáticas de níveis mais altos (Radford 1990), como mostra o exemplo em (2), para o Português e para o Japonês.

(2) *Projeções de categorias lexicais primárias em Português e em Japonês*



Em acordo com o princípio da endocentricidade, o parâmetro que determina a ordem linear dos constituintes sintagmáticos é chamado **parâmetro da linearidade** (Radford 1990) ou **parâmetro da ordem linear** (Raposo 1992), o qual estabelece que a ordem dos núcleos, complementos, adjuntos e especificadores está sujeita à variação paramétrica através das línguas humanas. Dessa forma, sobre as línguas envolvidas neste trabalho, o Japonês é uma língua que posiciona os núcleos dos sintagmas depois de seus complementos, e assim é considerada uma língua de núcleo final (*head-last*), ao passo que o Português, de maneira oposta, posiciona os núcleos dos sintagmas antes dos seus complementos, e por isso é considerada uma língua de núcleo inicial (*head-first*), como mostrado em (2) acima.

⁵ o constituinte com asterisco (*) indica a possibilidade de ocorrência do constituinte à direita ou à esquerda do núcleo X⁰.

1.2. *Language transfer* e a aquisição de L2

A partir dos estudos sobre aquisição de L2, vários estudiosos do assunto se ocuparam em explicar fenômenos, tais como *transfer*, *code-switching*, *code-mixing*, *fusion*, entre outros, os quais decorrem da aquisição bilíngüe sucessiva. Neste estudo, ative-me à questão da *transferência*, fenômeno para o qual aponto evidências, no decorrer deste trabalho. Várias hipóteses tentam explicar tal fenômeno e uma grande polarização para esta questão pode ser observada nas propostas explicativas da **Hipótese da Análise Contrastiva (HAC)** (Lado e Fries, 1957, citados por Odlin, 1989) e da **Hipótese da Construção Criativa (HCC)** (Dulay e Burt, 1974; Dulay *et al.*, 1982).

A HAC advoga que os processos de aquisição de L1 e de L2 são diferentes e, no processo de aquisição de L2, onde aspectos desta se igualam a aspectos da língua previamente adquirida, nenhum novo hábito lingüístico é adquirido e o aprendizado é, dessa forma, facilitado. Por outro lado, onde aspectos das línguas envolvidas divergem, L1 interfere como um novo hábito para a L2 poder ser aprendida. A inconsistência deste postulado está no tratamento da língua como formação de hábito e ainda em não ser capaz de predizer quais subsistemas de L1 são susceptíveis de interferir na aquisição de L2.

A HCC nega qualquer influência de L1 no processo de aquisição de L2, concebendo os dois processos como autônomos, uma vez que mecanismos cognitivos universais são a base para a organização de uma língua alvo, seja ela adquirida como L1 ou como L2. Os possíveis erros encontrados no processo de aquisição de L2, por esta última hipótese, devem-se a um processo de construção criativa, tido como universal, que prevê a reconstrução de regras por parte da criança (Dulay e Burt 1974: 34; Dulay *et al.* 1982). Esta hipótese, na forma como é concebida por seus proponentes, embora admita um mecanismo universal (supostamente, a Gramática Universal) atuante na aquisição tanto de L1 quanto na de L2, o qual guia, separadamente cada um dos processos de aquisição, nega o que de mais evidente se percebe na aquisição de L2: o conhecimento de uma língua previamente adquirida. Na visão de Dulay e seus colaboradores, a aquisição de L2 é o resultado de uma interação pura entre a UG e o *input* de L2 (cf. White, 1989:48). Com base em estudos experimentais envolvendo um amplo grupo de crianças com várias L1, adquirindo o Inglês como L2, Dulay e Burt (1974) concluem que a interferência da língua previamente adquirida em L2 é virtualmente nula, apresentando uma frequência menor que 5%. Isso equivale a dizer que o fato de a criança trazer para a tarefa de aquisição de L2 a gramática de sua L1 é irrelevante, algo que não vai ao encontro das evidências por mim interpretadas neste trabalho.

Dentro do Modelo de Princípios e Parâmetros, nem uma e nem outra das hipóteses anteriores são, por si só, explicativas do processo de aquisição de L2. Tanto o componente contrastivo quanto o componente criativo são contemplados dentro de uma terceira hipótese proposta por Flynn (1987), da qual mais se aproximam os resultados por mim obtidos neste trabalho: a **Hipótese da Marcação de Parâmetros**. Flynn conclui, baseada no modelo de marcação de parâmetros, que no ponto em que L1 e L2

se igualam, ao parâmetro de L2 não precisa ser atribuído um novo valor, e, no ponto em que divergem, um novo valor ao parâmetro de L2 precisa ser atribuído pela criança. Neste modelo, tanto atua a variação paramétrica, para estabelecer o grau de similaridade entre elas, quanto atua a construção criativa, já que mecanismos universais, e aqui, mais precisamente a Gramática Universal com seus princípios, desempenham um papel fundamental na (re)marcação dos parâmetros.

Uma outra hipótese também é sugerida por Bickerton (1977) como explicativa do processo de aquisição de L2: a **Hipótese da Relexificação**, a qual prevê que, para o falante atingir um grau de proficiência para se comunicar em L2, ele passa antes por um processo de substituição gradual do léxico de sua L1 pelo léxico de L2, mantendo, durante algum tempo a estrutura de L1, até que L2 seja adquirida por completo, tanto em estrutura quanto em léxico. Embora possa ter um certo poder explicativo, esta hipótese foi completamente descartada do presente estudo, já que os dados transversais que compõem o *corpus* por mim analisado não permitem identificar a relexificação como uma estratégia de aquisição de L2, pois, além de este não ser um estudo longitudinal, a *transferência* de padrões de L1 para L2 possível de ser observada ocorreu predominantemente no nível sintático e não no lexical.

2. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DAS CRIANÇAS YUBA

O recorte transversal do processo de aquisição do Português das crianças yuba aponta para uma variação na ordem das palavras, ora revelando a aplicação do parâmetro *núcleo final* (*NF*) do Japonês, ora a aplicação do parâmetro *núcleo inicial* (*NI*) do Português. Essa constatação indica que, ao iniciar a aquisição de L2, a criança já conta com o parâmetro da linearidade marcado de acordo com a regra de sua L1, tendo o estado inicial de aquisição sido marcado, em favor da L1. Assim, uma variação entre construções *NI* e construções *NF* será mantida até que a criança proceda a uma remarcação do parâmetro da linearidade de acordo com a regra estabelecida para o Português, o que não significa a extinção do parâmetro previamente marcado em sua L1.

Para a verificação da aplicação do parâmetro da linearidade no PL2, foram selecionados da produção linguística das crianças estudadas todos os NPs e VPs constituídos de núcleo + complemento, já que, para o estudo em questão, estes são os constituintes mínimos a serem considerados. A descrição e análise restringem-se a estes dois níveis, por serem eles os que maior variação apresentaram quanto à linearidade de seus constituintes. Em alguns momentos da análise, dada a especificidade do NP aqui considerado (NP → N + PP-complemento), o nível PP também será enfocado.

Para a consecução dos objetivos do trabalho, foi selecionado um total de 617 sintagmas da produção linguística das crianças yuba, sendo 561 VPs e 56 NPs. A grande diferença entre o número de VP e de NP - representando este apenas 10% do total daquele - deve-se ao tipo de NP considerado. O material transcrito das 28 sessões de gravação da fala das crianças fornece, obviamente, um número de sintagmas

em L2 muito superior aos aqui mencionados; contudo, e em vista do propósito do trabalho, o *corpus* teve de ser bastante delimitado.

Diante disso e do interesse em saber o que realmente faz parte da competência lingüística da criança yuba nesta fase de aquisição do PL2, foram descartados desta análise, pelo menos quatro tipo de sintagmas verbais e/ou expressões:

(i) expressões cristalizadas ou fórmulas fixas de uso situacionalmente condicionado (cf. Peters 1983): *pode bebê água; pode i[r] no banheiro* etc;

(ii) sentenças do tipo *pode x*, onde *x* é um nome. Neste tipo de sentença, o verbo principal na sua forma infinitiva, que com o modal compõem o significado da expressão, não é empregado pela criança. Tais sentenças sempre ocorrem em contextos em que a criança solicita permissão para executar uma ação: *pode [pintar de] canetinha, pode [pintar de] amalélo, pode [beber] leite* etc, a exemplo das expressões descritas em (i) acima.

(iii) sentenças decorrentes de imitação do modelo do pesquisador (P) ou outra criança mais experiente, como em (3) abaixo:

(3) (a) P: isso aqui não é mamão M. ... *isso aqui é uma maçã*
M: *isso aqui é mamão*

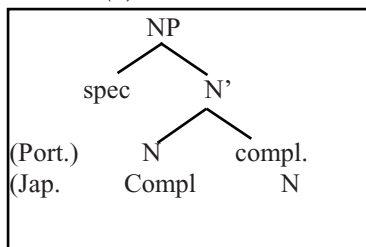
(b) P: onde você comprou este relógio?
K: não ... eu né ... é:: [fala em Japonês com L]
L: [ele] *ganhô na aniversário*
K: é ... *ganhô na a::/na::naversário*

(iv) sentenças em que os núcleos verbais são representados por verbos inacusativos ou em que os complementos são objetos nulos: *menina ganhô, ele vai morrê, num já [a]prendi, eu desenha* etc.

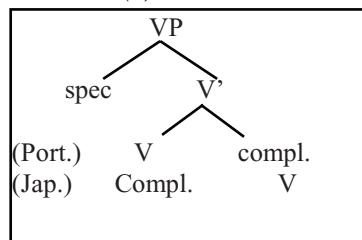
Antes de adentrar na análise propriamente dita e a título de esclarecimento, vale alguns comentários sobre como os NPs e VPs aqui considerados estruturam-se em Português e em Japonês. Segundo o modelo X-barra, temos a seguinte representação desses sintagmas.

(4) representação estrutural de NP e VP em Português e em Japonês

(a) o nível NP



(b) o nível VP



Em Português, a posição de complemento pode ser preenchida por um NP, um PP ou um NP e um PP. A ordenação do núcleo de VP em relação ao seu complemento goza de uma certa flexibilidade, atribuível a outros fenômenos que não à violação do princípio da endocentricidade, como, por exemplo, fenômenos de topicalização, deslocamento à direita e outros fatores de ordem pragmático-discursiva, como já apontaram vários autores que estiveram preocupados com a ordem sentencial. Diferentemente do comportamento de VP, o qual mostra um certo grau de flexibilidade quanto ao arranjo de seus constituintes, o tipo de NP aqui considerado possui uma estrutura extremamente rígida, não sendo possível ordenações diferentes da apresentada em (4a). A posição de complemento de N é sempre preenchida por um PP.

Ao contrário do Português, o Japonês é uma língua de Caso morfologicamente realizado. Esta propriedade, entretanto, não confere a este um alto grau de flexibilidade no arranjo dos constituintes sentenciais, por conta da restrição de o verbo ser o último dos constituintes. Segundo Kuno (1990:4), ordenações diferentes de OV, em Japonês, parecem não ser muito produtivas.

Quanto à estruturação do NP em análise, por ser o Japonês uma língua posposicional, o complemento vem preposto ao nome que ele modifica. Na marcação de Caso genitivo, a partícula *-no* vem posposta ao nome que serve de complemento ao núcleo do sintagma nominal. Esta partícula, nesse caso, desempenha a mesma função que, em Português, desempenha a preposição *de* (Ono 1992). Assim como em Português, uma rigidez na ordenação do núcleo e do complemento também é observada em Japonês, fato que não se liga à língua ser considerada de ordenação tipológica rígida (cf. Odlin 1989:95).

2.1. Os níveis VP e NP em L2

Conforme dispõem os parâmetros da ordem linear das duas gramáticas em concorrência, neste ponto da aquisição do PL2, foi comum ocorrerem nos dados das crianças yuba construções em Português de dois tipos, conforme se vê a seguir:

(5) *Construções VP NF*

- a) ele né ... [VP no piquiniqui *vai* não] ⁶
“ele não foi no piquiniqui” (A, 7;05)
- b) (ela) [VP pena né ... *vai* *facando*]
“ela vai tirando a pena com a faca” (A, 7;05)
- c) eu [VP Cíntia *bateu* não]
“eu não bati na Cíntia” (A, 7;08)
- d) ele [VP eu *báti*]
“ela báti em mim” (A, 7;08)
- e) ó né...eu né...[VP páscoa né...*complá*]
“eu vou comprar ovo de páscoa” (M, 7;00)
- f) eu [VP bolo *comê*]
“eu comi bolo” (M, 7;00)
- g) ele gato né ... [VP rato *vai* *vê* né]
“ele, o gato, vai ver o rato” (K, 7;09)
- h) eles [VP nome *falô* né ... “Abel”]
“eles falaram o nome “Abel” (K, 7;10)
- i) eu [VP aqui tudo *arrumô*]
“eu arrumei tudo aqui” (K, 8;00)

(7) *Construções NP NF*⁷

- a) [P perguntando à M e à A sobre criações da colônia]
P: você mexeu na galinha? ... e aí?
A: mãe ó ... mãe faz né assim
P: sua mãe? ... que que ela fez?
M: é né *da Apoloni da mãe* tem porco (=mãe da Apoloni)
- A') A: ele *porco* né ... *meu mãe porco* né ...
[sai correndo da sala] (=porco dela; porco da minha mãe)

(A, 7;07; M, 7;03)

- b) [K contando sobre um filhote de cão]
P: mas de quem é o cachorro? ... do Raru
K: é:: do *Raru de papai* ... do *Raru de mamãe* (=papai do Raru, mamãe do Raru)
(K, 7;09)
- c) [K contando sobre pescaria]
K: você sabe Éder?
P: sei
K: *dele casa* tem [barco] (=casa dele)
(K, 7;10)

(6) *Construções VP NI*

- a) cachorro [VP *comê* osso]
“cachorro come osso” (A, 7;05)
- b) eu [VP *gosta* merón mais]
“eu gosto mais de melão” (A, 7;08)
- c) eu [VP *vai* Bastos]
“eu fui a Bastos” (A, 7;07)
- d) eu [VP num *trazeu* de folha de desenho]
“eu não trouxe folha de desenho” (K, 7;09)
- e) Sáki [VP *morando* na Yuba com me eu]
“Sáki mora no Yuba comigo” (K, 8;00)
- f) eu [VP *vai* na Japón]...[VP *vai* na América (EUA)]
“eu fui ao Japão ... fui aos EUA” (K, 7;09)
- g) Ana [VP *bateu* eu]
“Ana bateu em mim” (M, 7:00)
- h) eu [VP *báti* não Daiane]
“eu não bati na Daiane” (M, 7;00)
- i) eu [VP *falá* nihongô]
“eu falei japonês” (M, 7;03)

- d) [P pede a K que conte sobre um filme a que assistiu]

K: eu esqueci também ... o leão morre ... papai também morre/papai morre ((tosse)) e o leão foi grande e...é:: *rei leão do seu'rmão* (=irmão do rei leão)...seu'rmão fez assim “quero matá” e foi ... fez assim.

(K, 8:00)

(8) *Construções NP NI*

- a) irmã da Sáki (A, 7;08)
- b) casa do papai (K, 7;09)
- c) papai do Masin (K, 7;09)
- d) namorado da mamãe do Len (K, 7;09)
- e) casa dele (K, 8;00)
- f) irmã da Mie (M, 7;03)

⁶ Mais adiante comentarei sobre a posição final do advérbio de negação na fala das crianças yuba.

⁷ Para uma melhor compreensão dos NPs, foram transcritos os contextos em que eles foram produzidos.

Considerando a variação dada nas construções de VP em (5) e (6) acima, dois tipos principais de ordenação de sentenças são observáveis no PL2: SVO e SOV. O primeiro, por ser a ordem básica de sentenças da língua alvo, o Português; o segundo, por influência da sintaxe do Japonês.

Os exemplos de VP, dados em (5), e os de NP, dados em (7), mostram claramente que a forma linear de arranjo dos constituintes núcleo-complemento dos respectivos sintagmas segue a sintaxe de ordem de palavras do Japonês, tratando-se, portanto, de uma produção lingüística em que a sintaxe pertence à L1 e o léxico pertence à L2.

Quanto ao nível VP, para a interpretação dada abaixo de cada exemplo em (5), segundo o Português adulto, houve uma permutação na ordem entre o verbo e o seu complemento. Comparando o dado apresentado em (5c) com sua versão para o Japonês, é possível verificar que a ordem aplicada pela criança é exatamente a mesma da aplicada em sua L1, inclusive para a posição do advérbio de negação. Veja:

(9) L2: eu [VP Cíntia [v bateu] [neg não]]
 L1: watashi-wa [VP Cíntia-o [v tatai-te-] [neg -nai]]⁸

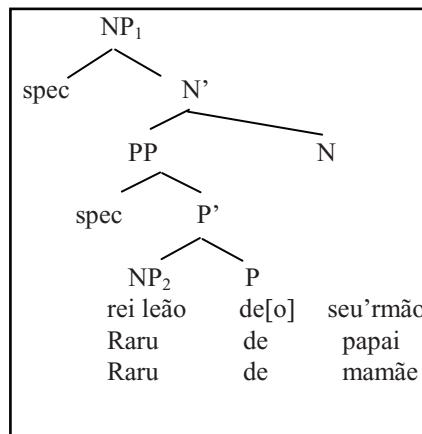
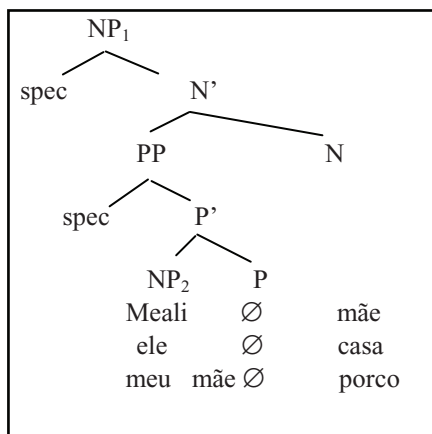
Os NPs em negrito, mostrados em (7), semelhantemente aos VPs dados em (5), também seguem o padrão estrutural do Japonês, ou seja, em todos eles o núcleo do NP segue seu complemento. Para as interpretações dadas em seguida de cada ocorrência, deve-se inverter as formas como a criança codifica as funções semânticas de “possuído” e “possuidor”, fator altamente relevante para que o parâmetro *NF* fosse aplicado. Como mostram as ocorrências dadas em (7), foi possível verificar pelo menos quatro formas alternativas de estruturação do NP no PL2, sob influência do parâmetro *NF*:

- (i) com posposição do núcleo de NP e preposição simultânea de núcleos conferidos ao PP (*da Apoloni da mãe* [= mãe da Apoloni]);
- (ii) com posposição do núcleo de NP e ausência de núcleo no PP (*ele porco* [= porco dela]; *meu mãe porco* [= porco da minha mãe]);
- (iii) com posposição do núcleo de NP e do núcleo de PP (*Raru de Papai* [= papai do Raru], *rei leão do seu irmão* [= irmão do rei leão]); e,
- (iv) com posposição do núcleo de NP e preposição do núcleo de PP (*dele casa* [= casa dele]).

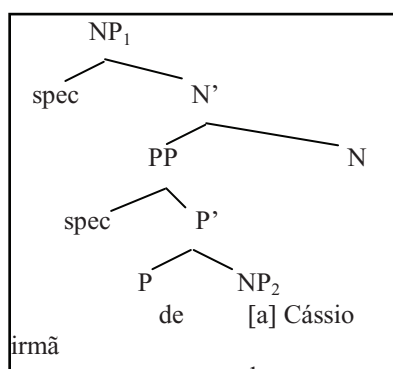
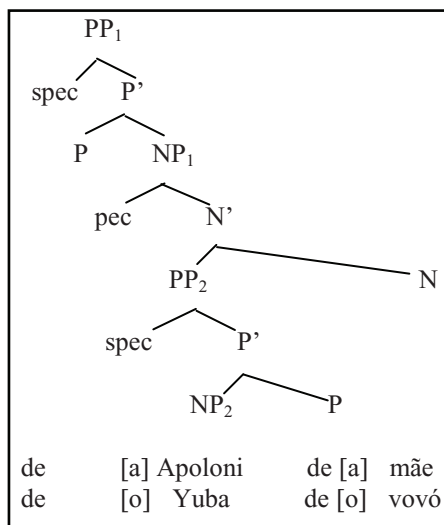
Para uma melhor visualização, estas alternativas estão apresentadas em suas formas arborescentes abaixo, as quais dispensam maiores comentários.

⁸ versão feita por um falante nativo do japonês. As partículas *-wa* e *-o* são marcas morfológicas que indicam tópico (sujeito) e objeto, respectivamente. A partícula *-te* equivale à marca de tempo progressivo (-ndo, em português).

(10) *posposição do núcleo de NP e (11) posposição do núcleo de NP e do ausência de núcleo no PP* ⁹



(12) *posposição do núcleo de NP e (13) posposição do núcleo de NP e preposição e posposição simultânea de preposição do núcleo de PP núcleos conferidos ao PP*



⁹ Em construções desse tipo, a ausência da preposição não permitiria determinar sua posição em relação ao núcleo, se à direita ou se à esquerda, já que ambas são ocorrências possíveis na fala das crianças yuba. Entretanto, optei por essa representação por ser ela a que caracteriza a estruturação do PP, enquanto o parâmetro *NI* ainda não está fixado por completo na L2, o que é o caso.

Uma quinta forma de estruturação de NP é aquela que segue estritamente o parâmetro *NI* do Português. Diante dos exemplos apresentados em (7), os quais cobrem todos os tipos de NPs sob influência do parâmetro *NF* da produção das crianças yuba, os que mais fielmente refletem as construções segundo a ordem do Japonês são os dados em (7b) e (7d), representados configuracionalmente em (11). Tomando o exemplo (7b), comparemo-lo à sua versão para o Japonês:

- (14) L2: [NP [PP [N Raru] [P de]] [N papai]]
 L1: [NP [PP [N Raru] [P -no]] [N otôsan]]¹⁰

Parece claro até este ponto que na ordenação do complemento em relação ao núcleo, em NPs e VPs, as crianças yuba transferem o parâmetro da linearidade de sua L1. Uma possível contra-argumentação que poderia ser imputada à ordenação dos constituintes de VP, tentando mostrar que não se trata de aplicação do parâmetro *NF*, seria a de que o Português adulto a que a criança tem acesso também apresenta construções semelhantes (topicalização e/ou deslocamento do objeto). Esta refutação, entretanto, não se aplicaria jamais às diferentes formas como as crianças yuba construíram os NPs, já que em nenhuma instância do Português adulto tais construções são observáveis. Se está claro que o parâmetro da linearidade é uma propriedade que pode ser transferível na produção de NP durante a aquisição de PL2, também o será na produção de VP, nestas mesmas circunstâncias. E mais, pode também ser transferível para outros sintagmas em que a questão da linearidade estiver em jogo¹¹.

Se resta qualquer dúvida de que se trata de um processo de *transferência* de valor de parâmetro, vejamos o que dizem os números na apuração da frequência de aplicação do parâmetro da linearidade em PL2.

Do total de VPs selecionados para estudo (561 ocorrências), 19% foram estruturados segundo o parâmetro *NF* e 81%, segundo o parâmetro *NI*. Considerando que 19% é um número bastante significativo para o estudo em questão e, no intuito de mostrar que a *transferência* no nível sintático não é tão assistemático como acreditam alguns estudiosos da aquisição de L2 (Felix 1975), procurei buscar correlações da aplicação do parâmetro *NF* a outros fatores lingüísticos. Foram investigados os verbos quanto ao tipo de complemento que subcategorizam (se NP, se PP e se NP e PP) e quanto às suas propriedades semânticas. Apenas o segundo caso mostrou alguma significância. Verbos como os existenciais (cujo significado expresso é o de existência - ter, existir, haver etc) e os materiais (cujo significado é o de atividade/realização - fazer, acontecer etc) mostraram-se como fatores correlacionados à *transferência*, mais do que as propriedades formais (verbos transitivos direto, indireto e transitivo circunstancial). Os verbos existenciais representaram 32% das construções *NF* e os materiais 20%. Os verbos transitivo direto, transitivo indireto e bitransitivo

¹⁰ Em japonês, a partícula *-no*, dentre outras, tem a função de marcar o caso genitivo, que, em português, corresponderia à preposição *de*.

¹¹ Em construções interrogativas, foi verificada, nos dados das crianças yuba, a ausência de movimento do elemento WH- (QU-) para o início da sentença, a exemplo do que acontece em Japonês. São exemplos desse tipo de construção: “*você come como que?*” (=como que você come?); “*teato é que?*” (=o que é teatro?), entre muitos outros.

apresentaram freqüências muito próximas nas construções *NF*, com índices de 22%, 27% e 22%, respectivamente, impossibilitando determinar a preferência por um tipo de verbo na aplicação deste parâmetro.

Do total de NPs selecionados da produção das crianças yuba (56 ocorrências), 45% foram construídos de acordo com o parâmetro *NF*. Do levantamento quantitativo feito para este nível, foi possível concluir que tanto fatores semânticos quanto fatores formais contribuem para a *transferência* do parâmetro *NF* de L1 para L2. Os PP-complementos que estabelecem a relação de posse e o traço semântico [+ humano] (67% das ocorrências) presente no núcleo de NP são fatores que estiveram fortemente correlacionados ao emprego do parâmetro *NF* em L2.

No total geral (NP + VP), a freqüência de aplicação do parâmetro *NF* ficou em 21%, chegando a atingir 33% da produção de algumas crianças. Se comparados à literatura, esse número mostra-se bastante significativo para comprovar a hipótese de *transferência* na aquisição de L2, uma vez que pesquisadores que negam a existência deste fenômeno dizem que este número não chega a 5% (Dulay e Burt, 1974; Dulay et al., 1982) ou é pouco significativo para validar esta hipótese (Genesee *et al.* 1995; Paradis e Genesee 1996).

Evidências maiores de que, na fase inicial de aquisição do PL2, as crianças yuba transferem o parâmetro da linearidade do Japonês são mostradas quando se compara os dados do PL2 com os dados de uma criança brasileira adquirindo o Português como L1. Utilizando os dados de Perroni (1976), que trata da aquisição do Português como língua materna por uma criança brasileira, ordenações, no nível VP, diferentes da do Português adulto são raríssimas, não chegando a 0,5%, número bastante diferente do mostrado para a produção das crianças yuba. Nas construções do mesmo tipo de NP considerado para L2, não houve nenhuma variação, nos dados da criança brasileira, quanto à ordem linear dos constituintes internos.

Vale ressaltar que, na produção das crianças yuba, além da *transferência* no nível sintático, esse mesmo fenômeno foi verificado nos níveis morfológico e fonológico, como mostram os exemplos (15) e (16), respectivamente.

(15) <i>transferência morfológica</i> ¹²	(16) <i>transferência fonológica</i> ¹³
a) [P instruindo as crianças sobre as atividades escolares]	a) leite de geradêra [=geladeira] (K, 7;10)
P: esse tem que pintar ... esse aqui não	b) tem dois Tcháporin [Chaplin] (K, 7;10)
M: essa aqui tem que pintá <i>-ka</i> ?	c) eu gosta merón [= melão] (A, 7;08)
P: uhm ... oi?	d) ó ... garinha [=galinha] (A, 7;05)
M: aqui pintá?	
P: isso	
M: isso <i>-ka</i> ?	
(M, 7;00)	

Antes de apresentar as principais conclusões deste trabalho, menciono que o fator “tempo de exposição ao Português” também é determinante na aplicação adequada do parâmetro da linearidade. É possível afirmar que com o aumento do tempo de exposição ao Português e com o crescimento do conhecimento da língua, a *transferência* decresce e, conseqüentemente, a proporção de construções atribuíveis à interferência de L1 também decresce.

3. CONCLUSÕES

Neste artigo, valendo-me de dados da produção lingüística de crianças nipo-brasileiras em fase inicial de aquisição do Português como L2, apresentei evidências de *transferência* de propriedades sintáticas de L1 para L2. Com isso, tive o intuito de mostrar que L1 tem um papel a desempenhar no processo de aquisição de L2, ao contrário do que propõem alguns pesquisadores que estiveram envolvidos com estudos desta mesma natureza (Dulay e Burt 1974; Dulay *et al.* 1982; Paradis e Genesee 1996; Genesee *et al.* 1995).

Diante do instrumental teórico adotado – o modelo de princípios e parâmetros – e das evidências por mim apontadas, pode-se dizer que, quando se tratar de bilingüismo sucessivo na infância, o estado inicial da faculdade da linguagem (ou “gramática universal”) da criança é alterado, de acordo com as particularidades da língua previamente adquirida. Isso equivale a dizer que, a criança inicia o processo de aquisição de L2 com o valor dos parâmetros marcados de acordo com as particularidades de sua L1, o que explica a presença marcante de propriedades de L1 em L2, principalmente quando as línguas envolvidas divergem no valor de um parâmetro para um mesmo princípio.

¹² A presença da partícula *-ka* do Japonês nesta sentença tem o mesmo status que na língua Japonesa, ou seja, a de marca de sentença interrogativa, embora seja redundante se se enfatizar que a entonação típica de pergunta em Português é usada pela criança.

¹³ Pelo fato de o fonema /l/ não pertencer ao sistema fonológico do Japonês, a criança transfere para L2 um fonema mais próximo ao de sua L1, de mesmo ponto e posição articulatória, no presente caso, o fonema /r/.

Para atingir o modelo adulto de L2, o *input* que a criança recebe em L2, interagindo com propriedades da gramática universal, leva a criança a remarcar o valor do parâmetro em questão, em favor da língua alvo, sem causar a extinção do valor do parâmetro já marcado em sua L1. No presente caso estudado, de início, a criança yuba parece mostrar que o valor do parâmetro para o português é o NF, o que pode indicar que, no nível do conhecimento, ela tem duas gramáticas: uma para L1 e outra para L2. Isso leva a especular que a variação na aplicação do parâmetro da linearidade parece estar mais ligada a uma questão de performance. O valor dos parâmetros de L1 presente em L2 acaba por ser uma ponto de referência (fonte) para que a criança perceba as diferenças entre a sua produção lingüística e a dos falantes da língua alvo, o que a possibilitará ir eliminando essas diferenças, até que L2 seja adquirida por completo.

Menciono, por fim, que, além da distância tipológica entre as línguas ser um fator que proporciona a presença de regras de L1 atuando em L2, também o desequilíbrio entre a exposição à L2 e o seu uso efetivo parece propiciar a *transferência* como uma estratégia de aquisição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BICKERTON, D. (1977). Pidginization and creolization: language acquisition and language universals. In: VALDAM, A. (ed.) (1977). *Pidgin and creole linguistics*. Indiana: Indiana University Press.
- CHOMSKY, N. (1981). *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.
- _____. (1988). *Language and problems of knowledge: the Managua lectures*. 2nd. ed. Massachusetts: MIT Press.
- DULAY, H.C. e BURT, M.K.(1974). Natural sequences in child second language acquisition. *Language Learning*, **24**, 1, p. 37-53.
- DULAY, H.; BURT, M. e KRASHEN, S. (1982). *Language two*. New York: Oxford University Press.
- FELIX, S.W. (1975). Interference, interlanguage, and related issues. In: HATCH, E.M. (ed.) (1978). *Second language acquisition: a book of readings*. Rowley, Massachusetts: Newbury House.
- FLYNN, S. (1987). *A parameter setting model of L2 acquisition*. Dordrecht: Reidel Publishing.
- GENESE, F.; NICOLADIS, E. e PARADIS, J. (1995). Language differentiation in early bilingual development. *Journal of Child Language*, **22**, 3, pp. 611-631.
- GONÇALVES, S.C.L. (1997). *Aquisição do Português como segunda língua: o caso das crianças yuba*. Campinas: IEL/UNICAMP, Dissertação de mestrado (mimeo).
- KUNO, S. (1990). *The structure of the Japanese language*. 9th. ed. Massachusetts: MIT Press.
- ODLIN, T. (1989). *Language Transfer: cross linguistic influence in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ONO, M. (1992). *Dicionário básico Japonês-Português*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão.

- PARADIS, J. e GENESEE, F. (1996). Syntactic acquisition in bilingual children. *Studies in Second Language Acquisition*, **18**, 1, pp. 1-25.
- PERRONI, M.C. (1976) *Aspectos da gramática do português aos 2;0 de idade*. Campinas: IEL/UNICAMP, Dissertação de Mestrado (mimeo.)
- PETERS, A. (1983). *The units of language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- RADFORD, A. (1990). *Syntactic theory and the acquisition of English syntax: the nature of early child grammars of English*. Cambridge: Basil Blackwell.
- RAPOSO, E. (1992). *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho.
- SCHWARTZ, B.D. e EUBANK, L. (1996). What is the 'L2 initial state'? *Second Language Research*, **12**, 1, pp.1-5.
- WHITE, L. (1989). *Universal grammar and second language acquisition*. Amsterdam: John Benjamins.